

Rita Queiroz

# Olhares de encontro

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

## GOSTO DE MAÇÃ

O batom vermelho marcava a sua presença. O destino transcorria feito um rio. O cruzar de pernas era pura dança, balançar do mistério que fazia sucumbir os olhares e os sonhos.

Não sabia por que naquele dia havia comido tanto. O passeio de bicicleta não aconteceu, estava muito pesada. Também havia o risco de tempestades e ela não queria voltar pra casa feito um pinto gorducho ensopado. Melhor mesmo foi ficar em casa, lendo Flaubert.

Revirou os baús de fotografias e lá estava ele, lindo como sempre, olhar que fazia com que ela se despisse por inteiro. Por onde andava? Há tempos não sabia suas notícias. Apenas as recordações preenchiam seu vazio. Tardes quentes que se diferenciavam dessa manhã chuvosa em que Bovary a faz refletir.

Depois que teve o primeiro filho, Pedro só a solicitava para as tarefas domésticas. Todos os dias só queria saber onde estavam suas cuecas, se suas camisas estavam passadas a ferro, se o seu material de trabalho estava arrumado. Ela precisava de mais coisas, isso não bastava. Ter um filho foi sublime, mas não era apenas isso que queria da vida. Mas o tempo foi passando...

— Ir ao supermercado virou rotina. Já sabia onde encontrar o que procurava, pois as seções já tinham virado companheiras de jornada.

— Por favor, onde encontro ração, perguntou-lhe ele. Prontamente respondeu. Como agradecimento, aquele sorriso, aquele olhar desconcertante.

As perguntas se repetiram. Se tornaram mais do que amigos. Felipinho estava com 3 anos e já ficava, sem problemas, com a babá. As compras no supermercado ficaram mais longas, mas pouco trazia para casa. Em compensação, para o corpo e o coração, muito, embora leve.

As marcas estavam por toda parte. Estava descuidada com as coisas de Pedro, que só fazia reclamar, nem prestava atenção nela. Felipinho já ia para a escola e ela tinha mais tempo para as compras, longas, cada vez mais.

Sabia pouco sobre Eduardo, mas o suficiente para o que a fazia feliz. Era preciso manter o batom devidamente pintado.

Olha para o espelho, os quilos a mais a incomodam. Amanhã deverá fazer sol. Pedro e Felipinho vão jogar bola. Ela ainda não terminou de ler o livro.

## A LINHA

Olhava as estrelas em noite de lua cheia. Sonhava com um casamento, com aquele que a levaria para outras paragens. Admirava na luz lunar a figura de São Jorge, com sua espada em punho, e pedia a ele que a ajudasse a realizar esse desejo.

Viu as irmãs casarem e ela ficando para trás, ficando no barricão, como se dizia há tempos atrás. São Jorge não a ajudou. Correu para Santo Antônio, que enviou um Antônio, não santo...

Tudo ia bem entre eles, ficaram noivos, ela confeccionava o enxoval, toda a família fora apresentada. Casamento à vista. Mas Antônio, quando fumava, fazia o peito arder em brasas, exalando uma fumaça que nem os xamãs decifravam.

Ela seguia feliz com os preparativos para o casório. Era só alegria: em casa, no trabalho, na vida... E Antônio? Indecifrável!

São Jorge usou sua espada. A linha do casamento foi cortada. Escoou por entre os dedos, nem um fiapo restou.

E Antônio? Família, filhos, outra vida! A fumaça continuava...

E ela? Olhar em direção ao mar, à procura da espada, caída da lua, e um desejo de alinhar o destino. Passaram-se os anos... A linha rota não mais unia as pontas desenhadas na fumaça, agora decifrada!

## AS CARTAS NÃO MENTEM

Era primavera no Brasil, outono na Europa. Já começava a esfriar, mas em Barcelona a temperatura era amena. As caminhadas em “La Rambla” no final da tarde eram agradáveis.

Foi para Barcelona com duas amigas que viviam em Lisboa. Viajaram de trem, à noite, assim podiam aproveitar melhor a viagem.

Ela já havia ido a Barcelona, as amigas, não. Mas essa viagem era diferente. Estava livre, sem impedimentos quaisquer. Visitaram os principais pontos turísticos: Parque Güel, Templo da Sagrada Família, Casa Milá, Casa Batlló, todos monumentos projetados por Antonio Gaudí. Montjuic, Fundação Juan Miró e Museu Picasso também foram vistos. Não faltaram as visitas às lojas de cosméticos, claro!

Depois de conhecerem os principais pontos turísticos, irem às compras nas perfumarias, restava irem às famosas baladas. E lá foram elas...

Entraram em várias casas, dançaram, beberam, se divertiram. Na última casa noturna, Raquel, que nunca atirava, foi de novo alvo. Estava dançando distraída quando aquele estranho começou a dançar com ela. Não o havia notado, mesmo ele sendo lindo! Típico espanhol, moreno, cabelos negros, físico forte! Começaram a rodopiar ao som eletrônico frenético. As amigas passaram a ser espectadoras. Dançaram até cansar

e irem para fora em busca de um pouco de ar. A química falou mais alto, inevitavelmente começaram a se beijar. Não conseguiram mais se separar, pelo menos naquela noite mágica!

Saíram da casa noturna, as três amigas e Pablo. Seria este mesmo o seu nome? Não importava. Ele ofereceu carona às três, mas no caminho havia uma blitz, e Pablo dirigia com habilitação vencida. Se fosse no Brasil, talvez desse um jeitinho, mas lá é diferente. Resultado: carro apreendido. Tiveram de pegar um táxi.

Pablo foi junto, não desgrudava de Raquel. E a noite terminou numa verdadeira mistura Brasil-Espanha. Se amaram loucamente. Só havia eles dois, nada mais.

Na manhã seguinte, havia apenas um nome: Pablo! Nas fotografias que fizeram, havia apenas as amigas.

De volta ao Brasil, Raquel, mística como ela só, buscou um amigo que lia cartas de tarô. Nas cartas, ele previu que ela faria uma viagem em que loucuras aconteceriam.

Mesmo com certo atraso, as cartas não mentem!

## AS CINZAS NÃO SE APAGAM

Já era carnaval! A cidade toda estava em festa. O maior rebuliço! Quinta-feira, dia da abertura dos festejos momescos, das loucuras que ficariam nas cinzas da quarta-feira. As cinzas dos apaixonados!

Logo cedo Fernando procurou Marília, que estava na escola, pois ainda tinha aulas naquela manhã. Com os colegas, combinava de ir à noite ver a entrega da chave da cidade ao Rei Momo. Ela adora carnaval e não queria perder nenhum dia de folia.

Quando chegou em casa, Marília soube da visita. Fernando voltou à tarde e a convidou para ir juntos para o carnaval. E agora? Queria ir com ele, mas havia os colegas da escola. Disse isso a Fernando, que concordou de ir todos juntos.

Mesmo em plena folia, na Bahia, Fernando foi pontualíssimo! Às 20h00 saíram. Ela morava no Politeama, um bairro do Centro de Salvador. Foram caminhando em direção à Praça Castro Alves, a do povo, onde o poeta estende a mão e abençoa a todos. Esta seria a primeira noite do primeiro carnaval na cidade que duraria cinco dias. Obra daquele que foi amado e odiado (talvez na mesma proporção), chamado de Toinho Malvadeza, mas que, em se tratando de festa, todos esqueciam e caíam na folia! ACM, que não era

bobo, fazia o povo esquecer dos problemas, ofertando pão e circo. Bem assim! Pelo menos durante esses dias.

Marília, Fernando e os amigos desceram pela Av. Sete, passando pelo famoso Relógio de São Pedro, ponto de encontro conhecido nos dias de Momo. Iam ao som de alguns grupos que tocavam instrumentos de sopro e percussão. Pararam no Edifício Sulacap, bifurcação entre a Praça Castro Alves e as avenidas Sete de Setembro e Carlos Gomes. Ali ficaram esperando o show de abertura do carnaval. Ali aconteceu o primeiro beijo entre Marília e Fernando. Ali começou o carnaval apaixonado para eles. Ela tinha 17 anos, ele, 22. Ela estudante do ensino médio, ele já formado em Economia.

Não se separaram mais. Assim foi todo o carnaval. Durante os cinco dias de festa, Fernando vinha buscar Marília e os dois seguiam para a avenida, a pularem atrás dos blocos Camaleão, Beijo, Internacionais, Corujas, dentre tantos outros. Foram também ao som de uma banda que ficaria famosa e que nessa ocasião puxava o bloco “Traz os montes”. Era a Banda *Scorpius*, que no ano seguinte já se eternizava como “Chiclete com Banana”.

Fernando era todo carinho! Marília, toda encantamento! De mãos dadas, olhos nos olhos, corpo a corpo! Era o amor transbordando! Era o sonho de viver um amor nos dias de Momo! Marília levitava, Fernando a conduzia! Seria o melhor carnaval de suas vidas? Naquele momento, sim, embalados pelo tema do carnaval daquele ano: “Deixe o coração mandar”. E eles deixaram. O coração mandou para além dos cinco dias de carnaval!

Marília e Fernando engataram o namoro, que logo esquentou. Em um ano estavam noivos. Em dois, casaram-se.



E, em quatro... Ele não tinha perfil de ser fiel. Marília, por sua vez, não desejava uma vidinha de casada apenas. Queria muito mais do que isso, queria o mundo! Ainda viveram outros carnavais juntos, não iguais àquele, cujas cinzas nunca se apagaram.

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em março de 2023.

---